

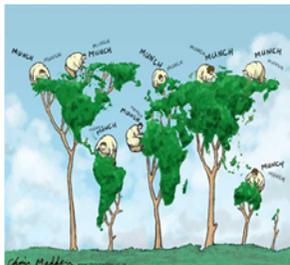


Alimentação e Meio Ambiente

O dito “desenvolvimento” advindo da Revolução Industrial no século XVIII trouxe muitos benefícios à população. A área urbana foi crescendo progressivamente e o aspecto rural das cidades foi sendo substituído pelas grandes fábricas. No entanto, deixou-se de lado uma questão importante: a relação do homem com a natureza ao se alimentar modificou-se bastante de lá para cá, e isso tem consequência direta nos impactos ambientais.

Com a industrialização, desenvolveram-se técnicas para produção de alimentos em larga escala que ocasionou na utilização de pesticidas, irrigação, fertilizantes, hormônios em animais, tudo com o objetivo de aumentar a produção para atender a demanda de alimento para a população sempre em crescimento. Apesar de parecerem vantajosas, as técnicas desenvolvidas podem trazer sérios riscos ao meio ambiente, e principalmente à saúde humana.

De acordo com Wendell Berry - jornalista norte-americano - comer é um ato ecológico, o que faz com que todo cidadão deva, idealmente, ficar atento à origem do alimento que consome e analisar criticamente as técnicas empregadas no sistema de produção. A qualidade e pureza dos alimentos, a sustentabilidade (social e ecológica) dos métodos de produção e os problemas e desigualdades existentes na sua distribuição são algumas das questões que devemos analisar em busca de uma alimentação mais sustentável.



O aumento do uso de pesticidas e fertilizantes tem aumentado a contaminação do solo. Esses insumos químicos podem percolar e atingir os corpos d'água danificando não apenas o solo e o corpo, como também atingindo cadeias alimentares da biota e os seres humanos.

É importante verificar o tipo de alimento que consumimos, não apenas para termos uma “alimentação sustentável”, mas também para nos certificarmos de que o alimento que estamos consumindo não afetará nossa saúde. Ante os esforços de o combate à fome e a desnutrição a biotecnologia ganhou destaque como uma das principais ciências que poderiam salvar o mundo do penúria.

Logo, estudos genéticos de plantas e sementes foram fomentados por governos e corporações multinacionais com o intuito de superar a demanda global de alimentos. Os transgênicos, que são organismos geneticamente modificados (OGM) - geralmente

são sementes que recebem gens de outra espécie - invadiram o mercado brasileiro de grãos (como por exemplo, soja e milho).

Diante das críticas feitas aos transgênicos e a desconfiança popular, as empresas de biotecnologias envolvidas com os estudos de transgenia copilaram artigos que defendiam o argumento da equivalência entre a semente geneticamente modificada e a convencional. Alegando que a transferência de genes é objetiva e que as interações do novo gene no DNA são totalmente previstas e intencionais.

Para o Doutor Antônio Inácio Andrioli, as afirmações feitas por defensores dos transgênicos não são comprovadas cientificamente. Os métodos de implantação de um gene estranho num organismo é totalmente imprevisível, pois, não se tem noção do local exato que esse gene vai se alojar e qual é sua frequência de integração. Ainda, Andrioli, chama a atenção para que a planta transgênica não se resume a soma de seus genes, a regulação genética também é influenciada pelas diversas interações com o meio ambiente que esse organismo está inserido.

A escassez de estudos independentes e a omissão de dados por parte das corporações de biotecnologia impedem a exatidão da análise do “gen modificado”. Ameaçando a saúde do consumidor, pois, considera-se a periculosidade dessas interações que podem aumentar o nível de toxicidade dos alimentos trazendo à mesa um vegetal nocivo.